

PALÁCIO DA ALVORADA, BRASÍLIA, DF, 7 DE SETEMBRO DE 2001

*Senhores Ministros; Senhor Ministro da Educação, Paulo Renato Souza; Senhores Professores; Senhores Estudantes; Convidados aqui, nesta manhã do dia 7 de setembro,*

Tenho muito pouco a dizer, a não ser felicitá-los mais uma vez. Basta ter ouvido esta última frase para ver que é uma menina tão jovem e com pensamento complexo e com capacidade de expressão.

Isso é o melhor resultado, Ministro Paulo Renato, de todo o esforço que tem sido feito por Vossa Excelência à frente do Ministério da Educação, nesses cinco anos, entrando já no sexto ano.

O que o Ministro disse, há pouco, é singelo, mas é o que é fundamental. Nós, realmente, estamos no caminho da universalização do ensino, da educação para todos no Brasil. Ainda temos analfabetos. Mas, quando se olha o número de analfabetos, quando se olha que na escola, hoje, estamos nos aproximando dos 100%, é uma questão de tempo, de pouco tempo. E, pelo menos no corte de idade de 7 a 14 anos, não teremos mais analfabetos. Para os remanescentes, há cursos de alfabetização de adultos, há alfabetização solidária, há muitos

programas no Brasil que tratam de recuperar, também para a leitura, aqueles que não tiveram, no momento apropriado, a condição de freqüentar uma escola.

Isso é uma mudança. Estamos virando uma página da história do Brasil – talvez a página mais importante, a mais difícil.

Fala-se muito em exclusão e pobreza no Brasil. Muito freqüentemente, até se diz que o Governo se ocupa só da moeda. Que engano! O governo que se ocupasse só da moeda não estaria acabando com a exclusão do ensino no Brasil. E o melhor caminho para que possamos diminuir as desigualdades e combater a pobreza é qualificar a população brasileira. É o que está sendo feito. É o que está sendo feito e, como esses processos são longos, de duração não repentina, obviamente, eu queria afirmar, com confiança, que, nesta década, temos condições de acabar, efetivamente, com pelo menos esse tipo de exclusão, a do analfabetismo e do acesso à escola.

E, como mostrou o Ministro, os indicadores dizem que estamos tendo também acesso à escola secundária. Ele não citou, mas na universidade também está aumentando muito o acesso. E estamos combatendo em uma outra frente, que é para evitar o analfabetismo digital, aqueles que não são capazes de ter acesso aos computadores. Temos programas ambiciosos para que possamos dar acesso também a essa nova linguagem, a esse novo meio, mais do que de aprendizagem, de interação com o mundo, que são os computadores e sua ligação por essas redes internacionais. Então, nesta década, podemos resolver esta questão.

Agora, estamos dando um combate muito mais direto, simultâneo à falta de recursos e à falta à escola. O programa, que foi lançado recentemente pelo Governo, chamado bolsa-escola, já tem, hoje, mais de 2 milhões de alunos recebendo a bolsa. É isto aqui. É um cartãozinho desse tipo, simples, que se dá à mãe de família, porque é mais fácil que a mãe tenha o cuidado das crianças. Ela é mais constante do que os pais, geralmente. Então, preferencialmente, quem recebe é a mulher. Em certos casos, não. Em certos casos, alguém da família recebe. Mas, preferencialmente, a mulher é quem recebe – a

irmã mais velha, a mãe, quem seja. É uma pequena ajuda. Pequena, vista pelos nossos olhos, de nós que somos integrados à sociedade mais próspera. Mas não é tão pequena assim para quem está, realmente, precisando de recursos. E este cartãozinho vai ser dado a cerca de 6 milhões de famílias, que são as mais pobres. Isso vai alcançar 11 milhões de crianças, como eu disse. Onze milhões de crianças correspondem, grosso modo, a 30% de todas as crianças que estão nas escolas de ensino fundamental no Brasil. Temos cerca de 36 milhões de crianças nas nossas escolas.

Portanto, isto aqui é uma maneira de universalizar a educação e de dar uma renda mínima. Todas as famílias cuja renda *per capita* seja de até 90 reais vão receber o cartãozinho. E, se tiverem três filhos na escola, vão receber 45 reais de apoio à criança, para comprar o material escolar, para melhorar um pouco a alimentação.

Repito: pode parecer nada aos olhos dos mais prósperos. Mas quem conhece, realmente, o que é o povo – onde está realmente a pobreza, os bolsões de miséria, que, em geral, estão no Nordeste, no interior, nas famílias de pequena produção rural – sabe que esse recurso é valioso, mesmo sendo pequenininho. Ele é universal também. Estamos dando a todos. Não só no Nordeste, não só através do Projeto Alvorada, mas às grandes cidades também, porque lá também há pobreza. É preciso que os Prefeitos façam o cadastramento. Mas não precisa mais nada. Não precisa do Vereador, do partido político, não precisa da influência do “pistolão”, do favor, porque este cartão dá, ao mesmo tempo, cidadania, dá o direito à pessoa de receber algum recurso para manter seu filho na escola.

Essa é a revolução silenciosa, como venho dizendo há algum tempo. Quando comecei a dizer, passava por ser abuso retórico do Presidente – não é, não é abuso e nem é retórico e nem é só meu, vai ser de todos os brasileiros. É alguma coisa que vai ser a rotina da nossa vida: dizer que estamos fazendo uma revolução silenciosa na educação.

Talvez devêssemos fazer mais barulho, para acordar o Brasil e mostrar que existe, realmente, um grande esforço e que este país está sofrendo uma mudança muito grande. O efeito da mudança está

aqui. São vocês – os que contaram a história de Guimarães Rosa, os que fizeram essas frases. Quem sabe, os pais de alguns de vocês não tiveram a chance sequer de ir à escola. E, não obstante, vocês estão aqui e, pelo esforço próprio, sendo premiados.

Ministro, tenho certeza de que leitura, mais leitura é o caminho, realmente, para termos cidadania, mais cidadania, mais integração, menos exclusão e menos pobreza.

Hoje é 7 de Setembro e não há melhor modo de comemorar o Dia da Pátria do que ver que estamos, realmente, incorporando mais e mais brasileiros à possibilidade de ler, escrever e, depois, fazer o progresso que desejarem na vida, como cidadãos.

Cumprimento a todos vocês por terem dado a nós, a mim e à Ruth, a oportunidade de nos vermos, aqui, neste jardim tão bonito. Pelo menos um dia e, se for possível, mais vezes, nós gostamos sempre de abri-lo àqueles que se esforçaram e que deram um sinal de que são bons brasileiros e boas brasileiras.

Muito obrigado.